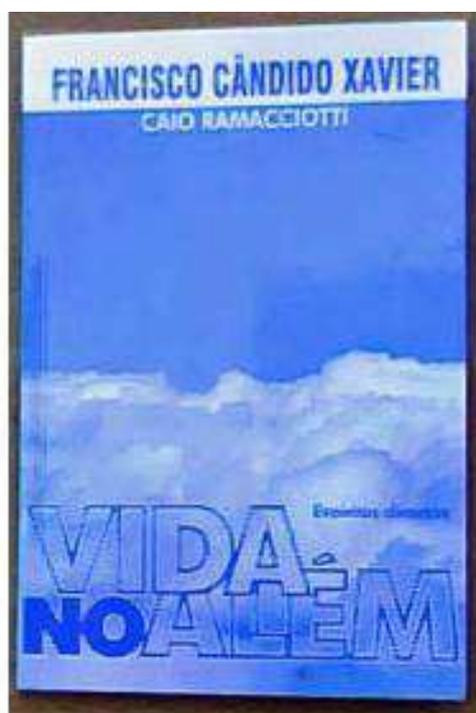


[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)



## **VIDA NO ALÉM**

**FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER &  
CAIO RAMACCIOTTI**

**ESPÍRITOS DIVERSOS**

## **Conteúdo resumido**

Documentário sobre a vida após a morte, repleto de comprovações a respeito da sobrevivência do espírito. São 5 casos de extraordinários depoimentos registrados pela pena mediúnica de Chico Xavier.

### **Sumário**

**Prefácio / 03**

**Apresentação / 04**

**Explicação necessária / 07**

**William José Guagliardi / 09**

**Maura Araújo Javarini / 17**

**Hilário Sestini / 26**

**Orlando Van Erven Filho / 41**

**Germano Sestini / 50**

## Prefácio

Prezado Leitor:

Inegavelmente este livro dispensa qualquer apresentação.

Os autores das mensagens que o constituem - amigos que volvem do Além ao Plano físico - se expressam com tamanha naturalidade nas notícias confortadoras de que se fazem mensageiros, que só nos resta desejar ao leitor amigo o proveito máximo nos informes e consolações de que este volume se mostra repleto.

Além disso, compete-nos ainda um registro: expressar a nossa gratidão a Jesus, o nosso Divino Mestre e Senhor, pela oportunidade de recolhermos estas páginas dos companheiros que as subscrevem, fornecendo aos companheiros do mundo às claras concepções da vida no Além que transformam este volume em precioso e autêntico repositório de paz e verdade, reconforto e esperança.

Uberaba, 23 de agosto de 1980

Emmanuel



*Vista aérea da cidade de São José do Rio Preto*



*Trecho da Rua Bernardino de Campos, vendo-se parte da Praça Ruy Barbosa.*

## **Apresentação**

Caro Leitor.

Escrevem este livro espíritos que até recentemente residiam em São José do Rio Preto, tradicional município paulista, da Região dos Grandes Lagos.

Personalidades vinculadas ao progresso dessa cidade, profundamente reconhecidas à terra que lhes serviu de berço ou que as adotou por filhos

abençoados, anotamos em suas palavras referências aos primeiros tempos de Rio Preto, citações que do mesmo modo que a relação de nomes e fatos que ressumam das mensagens psicografadas, eram do total desconhecimento de Chico Xavier e até mesmo, em alguns casos, dos próprios familiares dos autores espirituais do livro.

Mas, a par de seu conteúdo de revelação, a atestar a realidade da comunicação dos mortos com os vivos, deve-se ressaltar, sem dúvida, a mensagem naturalmente envolta na dor e na saudade - de esperança e de fé, alicerçada na certeza da sobrevivência da alma.

Em William José Guagliardi, jovem tragado com outros 58 rapazes, pelas águas do Rio Turvo, nos idos de 1960; em Hilário Sestini, empresário de reconhecidos méritos em São José do Rio Preto; no Doutor Orlando Van Erven Filho, o abnegado apóstolo da Medicina e no patriarca Germano Sestini, pioneiro de Cravinhos e Rio Preto, empreendedor respeitável, encontramos sempre, ao lado das surpreendentes revelações, a palavra de consolo e alento aos familiares saudosos de sua ausência compulsória.

É esse acervo de incalculável valor, que nos vem da nobre cidade de Rio Preto, através de seus diletos filhos, a essência da obra.

Agradeço profundamente a alguns companheiros, cujo concurso nos possibilitou a elaboração dos

comentários e notas em complemento às mensagens recebidas por Chico Xavier. Refiro-me aos familiares dos autores espirituais, tão diligentes e solícitos, nas respostas às perguntas que formulei, para a adequada estruturação destas páginas.

De modo especial, expresso minha gratidão ao jornalista Nivaldo Carrazzone, de Rio Preto e ao Professor Benedito Silva, de Monte Aprazível e aos companheiros Romeu Grisi, sua esposa D. Hilda e seu cunhado Gérson Sestini, amigos de Votuporanga que aprendi a melhor admirar, pela participação indispensável que tiveram neste trabalho.

Finalmente, ao meu saudoso pai, falecido a 13 de dezembro de 1979, grande amigo e orientador, dedico as palavras finais desta Apresentação, agradecendo a Deus a bênção de tê-lo nesta presente existência, como genitor e mais do que pai, como o inseparável companheiro, cuja saudade será certamente o alento para que meus familiares e eu percorramos os caminhos da vida, com amor e respeito aos ensinamentos de Jesus que ele com tanta abnegação soube semear e cultivar em nossos corações.

São Bernardo do Campo, 23 de agosto de 1980  
Caio Ramacciotti

## **Explicação necessária**

O leitor espírita está familiarizado com as reuniões mediúnicas de que participa FRANCISCO CANDIDO XAVIER, em Uberaba.

Mas, para o leitor não espírita, a fim de que seja mais fácil a interpretação das páginas psicografadas, vamos dar uma idéia de como se processam as reuniões com Chico Xavier, no GRUPO ESPÍRITA DA PRECE, em Uberaba - Minas Gerais.

O recinto do Centro sempre superlotado; centenas e centenas de pessoas de todos os recantos do país e, às vezes, do mundo, com objetivos diferentes, procuram no médium: uma palavra de consolo, alguma notícia de familiar falecido, uma entrevista para determinado canal de televisão, etc.

Parte pequena dessa população heterogênea ali presente consegue, e muito rapidamente, cumprimentar o médium, antes do início das tarefas da noite que consistem no estudo do Evangelho Segundo o Espiritismo, ao mesmo tempo em que Chico Xavier, com rapidez vertiginosa, recebe inúmeras mensagens (em muitas ocasiões, até mesmo além de 10, de diferentes espíritos, numa única reunião que invariavelmente se prolonga madrugada adentro).

Após o encerramento da reunião, outra parcela do público presente consegue conversar rapidamente com

o médium, de modo que Chico Xavier, e queremos destacar esse fato, via de regra, não chega a conhecer sequer os familiares dos Espíritos que por ele trazem suas mensagens do Além.

Não obstante, o leitor observará, á saciedade, a incrível citação de nomes, fatos, dados, etc., aos quais o médium não tece acesso algum, como se depreende da mensagem de WILLIAM JOSÉ GUAGLIARDI, jovem sobre quem falaremos a seguir.



## ***WILLIAM JOSÉ GUAGLIARDI***

WILLIAM JOSÉ GUAGLIARDI... ao folhear as páginas já amarelecidas do Diário da Tarde, jornal de São José do Rio Preto, na época dirigido pelo ilustre escritor e jornalista Nivaldo Carrazzone, mal sopitávamos a emoção de desdobrar na mente as cenas da tragédia que tanto marcou a comunidade Rio-pretense.

Muita inquietação, sofrimento e saudade, mas acompanhados por altas demonstrações de solidariedade, respeito e fraternidade que certamente mais assinalaram a dignidade comunitária no contexto das provações coletivas que compõem o livro das tribulações mais agudas da Humanidade. Na tragédia

do Rio Turvo, ocorrida no dia 24 de agosto de 1960, Rio Preto mais se engrandeceu ante os olhos de toda a Nação que acompanhou as horas difíceis em que a cidade se fundiu num único e grandioso ser, integralmente dedicado ao socorro dos jovens que mergulharam nas águas do rio, então transformado na porta de passagem para 59 adolescentes alcançarem a vida imperecível...

17 anos incompletos! Aquela tarde era particularmente importante para WILLIAM; passara o dia todo ajudando o pai no Empório, aguardando com entusiasmo a viagem que empreenderia com os colegas da Escola Técnica de Comércio D. Pedro II, no início da noite.

Pouco antes das 19 horas, horário marcado para a saída dos ônibus que conduziriam os jovens da fanfara do Grêmio Literário da referida escola até Barretos, para participarem das comemorações de seu aniversário de fundação, do portão da casa, os familiares acompanharam William até que dobrasse a esquina, na longa despedida em que os adeuses reuniram pela vez última o dedicado filho e seus pais e irmãos.

Logo depois, um dos ônibus, que transportavam os jovens, mergulhou nas águas, provocando a morte de quase todos os seus ocupantes.

Do lamentável acidente ocorrido nas primeiras horas da noite de 24 de agosto de 1960, muito se falou

e escreveu. São José do Rio Preto ficou por anos a fio mergulhada em atmosfera de angústia; as horas aflitivas da noite a dentro, em que abnegadas criaturas se desdobravam no içamento do ônibus e socorro das vítimas, como que se prolongaram indefinidamente, na visível amargura dos pais, irmãos e de toda a cidade, enfim, ante a perda dos promissores rapazes.

Contudo, a Misericórdia Divina foi plantando nos corações feridos dos familiares dos 59 jovens, novas flores de esperança e reconforto, reanimando-os para a vida; na íntima convicção de que seus filhos não morreram. Tão bons, na sua gárrula mocidade, apenas alçaram vãos maiores, em direção às Paragens Celestiais, cujo ambiente, sem dúvida, enriqueceram ao som dos bumbos, caixas, repiques e cornetas, com o mesmo brilho da participação da famosa fanfarra dos alunos do Grêmio Literário da Escola Técnica de Comércio D. Pedro II, nos dias festivos de Rio Preto.

Para os pais de WILLIAM JOSÉ GUAGLIARDI, o socorro chegou sob a forma de consoladora mensagem mediúnica em que William colocou muita paz sobre a infeliz ocorrência, desdobrando novos ângulos do triste acidente, envolvendo-o, sem dúvida, com a bênção do reconforto e do esclarecimento que os ensinamentos de Jesus encerram.

## **Alguma coisa sobre William**

WILLIAM JOSÉ GUAGLIARDI nasceu em São José do Rio Preto no dia 3 de setembro de 1943, vindo a falecer a 24 de agosto de 1960.

Filho de Benedito Guagliardi e de Walkyria Zaccarias Guagliardi, deixou três irmãos: Marleine Guagliardi Seraphim, Benny Guagliardi e Osmir Guagliardi. Cursava o 2º ano Técnico de Contabilidade, quando faleceu.

Jovem amoroso, cultivava como os pais, a religião espírita.

A respeito da mensagem de WILLIAM, recebida por Chico Xavier, dois meses e meio após a morte do jovem, assim se expressou sua mãe, D. Walkyria:

"Graças a Deus a mensagem do William trouxe-nos a mim, a meu marido e aos outros filhos, bastante conforto, pois se não tivesse ido ao Chico, creio que teria ficado louca, pois nada me consolava.

"Diz, ainda D. Walkyria, que não conhecia o Chico. Esteve em Uberaba pela vez primeira, quando da psicografia do comunicado.

Alguns outros aspectos surpreendentes do recado que apresentamos a seguir, observaremos posteriormente.

Mensagem obtida, através de Francisco Candido Xavier, na noite de 14-11-1960, em Uberaba - Minas Gerais.

Querida Mamãe, peço ao seu carinho me abençoe.

Estou presente, rogando à senhora que me ajude com a sua paciência. Tenho sofrido mais com as lágrimas da senhora do que mesmo com a libertação do corpo... Isso Mamãe, porque a sua dor me prende à recordação de tudo o que sucedeu e quando a senhora começa a perguntar como teria sido o desastre, no silêncio do seu desespero, sinto-me de novo na asfixia.

Tenhamos calma e resignação. O que passou foi a Lei a cumprir-se. Pode crer que nossas reuniões e preces funcionaram, quando vi que nós todos afundávamos no rio sem esperança na terra, apareceu em mim à esperança da grande vida e entreguei-me à vontade de Deus, conformado. Notei que companheiros me agarravam como a me pedirem socorro para voltar à tona, no entanto, Mamãe, embora não pudesse falar, eu pensava... Pensava que Deus não dá pedras aos seus filhos que pedem pão, que a Providência Divina só faz o bem... Recordei as conversações do Papai e o carinho da senhora e fiz no fundo da alma, a prece derradeira no corpo... não havia tempo para chorar. Senti-me sufocado, mas pouco a

pouco, notei que mãos amigas me davam passes, de leve, e dormi.

Não tenho noção do acidente, como desejaria, mas estou informado de que saberei tudo quando estiver mais sereno. Asseguro, porém, que ninguém teve culpa; nem nosso motorista amigo, nem nosso Genésio. (1) Mamãe, nada fizeram que pudesse provocar a situação.

Foi a dívida do passado que surgiu na máquina em movimento. Mais tarde conversaremos nisso. Ainda tenho a cabeça dolorida e só venho até aqui, trazido pelo senhor Schutel (2) que me acolheu para rogar à senhora calma e oração.

Pelo amor de Deus, Mãezinha, não chore mais e nem pense que será melhor morrer para encontrar-nos. Estaremos juntos no serviço da nossa fé. É preciso reconhecer isso. Osmir, Benny e Marleine (3) ao lado do papai precisam muito de seu carinho na Terra. E não estarei longe.

Tudo que a senhora puder fazer para auxiliar os meninos necessitados, faça com amor e devotamento. Ajude, Mamãe, a compreensão de todos os nossos amigos em Rio Preto. Se eu puder pedir alguma coisa, rogo para que nosso motorista seja desculpado. Tenho visto alguns dos meus companheiros e todos os que tenho visto rogam a mesma coisa. Vamos todos orar pedindo a Deus compreensão e coragem. Senhor Schutel, Vovó Mariquinha, e D. Mariquinha Perche

(4) estão me ajudando, pois ainda estou assim como um doente precisando recuperar-se. Estou bem, somente aflito com a sua aflição. Peço à senhora agradecer às nossas bondosas amigas, D. Clementina Carlito e Tia Dulce Zaccarias (5) as orações com que tanto me confortaram.

Hoje não posso escrever mais. Senhor Schutel pede para eu encerrar esta carta que ele me auxiliou a escrever. Para a senhora, Mamãe, para o querido Papai e todos os nossos o coração carinhoso e reconhecido do seu filho que lhe pede paz e confiança em Deus.

### **Esclarecimentos sobre as notícias psicografadas 80 dias após o falecimento de William José Guagliardi**

1) - houve, na época, críticas ao motorista, Yoshiyuki Hayashi, que sobreviveu ao acidente, e ao organizador da viagem, Genésio Fabrini, Presidente do Grêmio Literário e Esportivo D. Pedro II, entidade que congregava os alunos da Escola Técnica de Comércio Pedro II e à qual se achava vinculada a distinta fanfarra que em dois ônibus viajava naquela noite de 24 de agosto de 1960 para Barretos. Genésio faleceu no acidente.

2) - Schutel - Cairbar Schutel, conceituado espírita, falecido no início do século. Atuou particularmente na região da Araraquarense, tendo fixado residência em Matão, onde fundou a Revista Internacional do Espiritismo.

3) - Irmãos de William.

4) - Vovó Mariquinha e D. Mariquinha Perche - Esta, abnegada senhora que residiu em Matão, conhecida nos meios espíritas. Aquela, avó materna do William, já falecida.

Curioso, como lembraria da avó do William, e de seu apelido afetivo, e como saberia estar ela desencarnada, se nem os pais e irmãos do próprio jovem, Chico conhecia? E a pergunta que se impõe, para melhor compreendermos a clareza e a autenticidade do intercâmbio mediúnico.

5) - D. Clementina Carlito e Tia Dulce Zaccarias - Também nomes desconhecidos do médium, como aliás era a própria família Guagliardi. D. Clementina Carlito era à época uma senhora enferma que D. Walkyria, mãe do William, socorria semanalmente. Dulce D. Zaccarias, tia materna, era muito ligada ao jovem desencarnado. De fato, ambas as senhoras fizeram muitas preces por William, como se vê na comunicação. Podemos entender por essa passagem simples, mas repleta de revelações, o porquê dos Espíritos enfatizarem o calor da prece, como ponto de ligação entre os dois planos de vida.

Finalmente, para que o leitor sinta melhor a autenticidade desta mensagem de William, vamos lembrar que sua mãe, D. Walkyria, não conhecia Chico Xavier e sequer o cumprimentou antes do recebimento das palavras do filho, pois o Centro onde na época atuava o querido médium, estava, como sempre, repleto. Destacamos na carta psicografada a citação de nomes do total desconhecimento do Chico, como Vovó Mariquinha, Osmir, Benny (assim mesmo, com dois N e Y!!!), Marleine Clementina Carlito e D. Dulce Zaccarias.

Ao leitor, deixamos as conclusões...

## **MAURA ARAÚJO JAVARINI**

### **Ainda o Rio Turvo**

Meses depois do acidente do Rio Turvo, familiares de jovens desencarnados no infausto acontecimento procuraram Chico Xavier, em busca de palavras de consolo e, quem sabe? dessa ou daquela comunicação pessoal. Particularmente o Dr. Waldemiro Naffah e sua esposa, D. Mafalda Mussi Naffah, ansiavam por alguma notícia do filho, Waldemiro Naffah Júnior.

Na ocasião Chico lembrou aos pais da transitória impossibilidade do filho comunicar-se e disse de uma

senhora que estava presente, em espírito, naquele papo informal, e que trabalhara muito no socorro dos jovens afogados sob as águas. Ela se denominava Maura Araújo Javarini e dizia ter-se suicidado em São José do Rio Preto, em 11 de maio de 1932.

Presentes também estacam naquela visita a Chico Xavier: os advogados Paulo Nimer e Paulo Roque e o Dr. Argymiro Acayaba de Toledo, Juiz de Direito da Comarca de São José do Rio Preto e signatário do importante depoimento que transcrevemos abaixo:

No segundo semestre de 1960, inconsoláveis pela morte, num desastre do Rio Turvo, ocorrido poucos meses antes, de um filho, o Dr. Waldemiro Naffah, advogado em S. José do Rio Preto, e sua esposa, D. Mafalda Mussi Naffah, em companhia do Juiz de Direito, então titular da 3ª Vara, Dr. Argymiro Acayaba de Toledo, do advogado Dr. Paulo nimer e do economista Paulo Roque, hoje advogado, dirigiram-se a Uberaba, onde residia o médium Francisco Candido Xavier, dele pretendendo uma palavra de conforto, bem como, embora o casal fosse católico, como ainda o é, uma comunicação mediúnica com o espírito do filho.

À noite, num centro espírita, onde o Chico prestava assistência espiritual aos necessitados, o casal e seus acompanhantes aproximaram-se, numa fila, do médium, ao qual foi exposta a pretensão. Chico Xavier disse que o rapaz ainda não tinha condição de

comunicar-se, mas que, ali ao lado, estava o espírito de uma mulher, a qual dizia que, no instante do acidente, amparara alguns dos desencarnados, vitimados na queda do ônibus no Rio Turvo, um dos quais o filho do casal e dava o nome de Maura de Araújo Javarini, dizendo que se suicidara em S. José do Rio Preto em 11.05.32.

No dia seguinte, de retorno a S. José do Rio Preto, dirigiram-se ao Ofício de Registro Civil, onde sem declinar o motivo, o Dr. Waldemiro Naffah pediu ao oficial Gomide uma certidão de óbito de Maura, dando a data do seu falecimento. O oficial Gomide trouxe o livro de óbitos, abriu-o e disse que, na data mencionada, não constava o óbito da falecida. Mas, virando a página do livro, informou que, realmente, havia o assento do óbito da referida Maura, no dia 12, e que ali constava que falecera no dia anterior, o que conferia com a data fornecida pelo Chico.

São José do Rio Preto, 11 de novembro de 1977.

Argymiro Acayaba de Toledo

Pela certidão de óbito, o leitor pode compreender melhor o depoimento do Dr. Argymiro Acayaba de Toledo:

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

REGISTRO CIVIL

CARTÓRIO

ESTADO DE São Paulo

COMARCA DE São José do Rio Preto

MUNICÍPIO DE São José do Rio Preto

DISTRITO DE São José do Rio Preto

Maria da Oliveira e Silva Conyde -

Oficial do Registro Civil

Tripartite Substituto

**Certidão de Óbito**

CERTIFICO que, em data de 12 de Maio - de 1932, no Livro N.º C. 16 - , à fls. 140, sob o N.º 1801 - , foi feito o Registro de Óbito de MAURA ARAÚJO NATARINI - falecida em 23 de Maio - de 1932, às 18,30 - horas, neste distrito - de São José do Rio Preto - de cor branca - , profissão serviços domésticos do sexo feminino - de idade cinco e cinco anos - de idade, estado civil casada - com João Martins de Araújo e Olímpia Araújo - domiciliada e residente nesta cidade - tendo sido declarante Maria Colares - e o óbito atestado pelo Dr. Frederico Navarro de Cruz - que deu como causa da morte, envenenamento por lísol (suicídio) - e o sepultamento foi feito no cemitério de São José do Rio Preto - Observações: A falecida era casada com João Araújo, em primeiras núpcias, de cujo casamento houve três filhos, sendo dois do sexo feminino e um do sexo masculino, de nomes ignorados.

O referido é verdade e dou fé

São José do Rio Preto - 10 de Janeiro - de 1932

EZEQUIAS GOMES JUNIOR  
OFICIAL MAIOR  
1.º SUBSTITUTO - REGISTRO CIVIL  
1.º QUARTIL, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP

Curioso, como Chico, senão por via mediúcnica, poderia falar de uma senhora desencarnada quase trinta anos atrás, informar a data correta da desencarnação, embora no próprio Livro de Registro de Óbitos da Comarca de São José do Rio Preto, nada constasse no referido dia e sim no dia seguinte? Em 1932, vale lembrar, o médium residia na cidade de Pedro Leopoldo - MG, tinha apenas 22 anos e nada poderia saber das coisas que ocorra, há milhares de quilômetros de distância, numa época em que os meios de comunicação eram ainda bastante precários. Não há dúvida alguma de que D. Maura, em espírito, deu as informações a Chico, quando da visita acima comentada.

Aliás, alguns meses depois, no dia 24 de abril de 1961, quando da visita de senhoras rio-pretenses a Chico Xavier, D. Maura volta, desta vez pela psicografia, com as seguintes informações particulares:

### Mensagem de Maura Araújo Javarini

Meus queridos irmãos e irmãs de Rio Preto, especialmente minhas amigas Zilda, Zilda, Elba (1) e todos os corações abençoados de nosso núcleo espiritual.

Em nome de Jesus, peço a bênção de Deus para nós. Venho rogar-lhes para que façamos, em torno dos nossos queridos irmãos que partiram, através das águas do Rio Turvo, uma oficina de trabalho, de prece, de compreensão e de amor. Todos se acham protegidos, resguardados. Alguns têm podido ver os entes queridos de que se separaram violentamente, entretanto, muitos jazem ainda em tratamento de recuperação, como não podia deixar de ser. Peço-lhes para que as mãezinhas saudosas e os parentes que ainda choram, ajudem a eles pelo serviço do bem, auxiliando aos outros em seus nomes. Essas vibrações de fraternidade e agradecimento serão para eles remédio balsamizante. Quando puderem, volverão a

falar, a escrever, a confortar os amigos queridos que ficaram no mundo.

De mim própria, também voltei ao mundo espiritual em situação dolorosa. Não me creiam espírito feliz, e sim coração de boa vontade que procura servir, a fim de servir na própria restauração. Foram às preces de meu pobre João (2), unido aos nossos irmãos Antonio Marino e Farid Mussi, (3) através de vibrações de fortalecimento, que me levantaram. Para restabelecer minhas forças, comecei cooperando em favor de nossos irmãos no Abrigo de Tuberculosos (4) que se inclinavam ao suicídio; tanto quanto na Santa Casa, buscando com todas as minhas pobres forças, amparar alguém que estivesse nas sombras do desespero. nada fiz, meus amigos, no entanto, a migalha que tentava fazer, deu-me energias novas. Hoje sou outra. Em nossa terra abençoada de Rio Preto, ainda estou vinculada a deveres que me falam alto ao coração. Ajudem-me pois, também, com o amparo espiritual de vocês. Digo à nossa Zilda, que o Celinho (5) está convenientemente amparado e que o seu trabalho na Creche (6) tem sido para ele esperança e consolação.

Meus amigos, é preciso ajudar, fazer, merecer e realizar.

Aproveitem a existência e o sofrimento que eu não soube valorizar. Voltarei, porém, mais tarde, e desejo, qual acontece com vocês, colaborar no bem, para que

o bem me favoreça aqui, na Vida Espiritual, onde cada um vale pelo que fez, habilitando-se com a Divina Bondade de Deus, para fazer o melhor.

Não posso continuar, motivo pelo qual, deixo a cada um dos presentes o reconhecimento da serva, pequenina e ainda inútil.

Maura Araújo Javarini

### **Comentários à nota de Maura Araújo Javarini**

A mensagem de MAURA ARAÚJO JAVARINI foi psicografada alguns meses após sua primeira aparição em espírito ao médium, justamente numa reunião de que participavam companheiros rio-pretenses.

Colocamos a palavra de D. Maura no contexto do episódio, em vista da comunicante haver participado dos socorros aos jovens e por haver estreita Dação de seus informes com o acidente. É oportuno destacar a riqueza de revelações na mensagem de D. Maura, tendo sido muito difícil conseguir-se o esclarecimento de dados e nomes nela citados, pois que raras pessoas em Rio Preto têm ciência dos fatos ligados ao remoto falecimento de Maura Araújo Javarini. Devemos muito dos fatos que abordaremos a seguir, à perseverança e dedicação dos amigos ROMEU GRISI e GÉRSO

SESTINI, a quem mais uma vez anotamos nosso profundo agradecimento.

1) - Zilda, Hilda e Elba - Zilda Nora Souza Santos, Hilda Sestini Grisi e Elba Renzo Campos, senhoras rio-pretenses presentes à reunião de 24 de abril de 1961, em que Chico Xavier recebeu as anotações de D. Maura.

2) - Meu pobre João - refere-se ao marido João Javarini.

3) - Antônio Marino e Farid Mussi - Membros nos idos de 1932 do Círculo Esotérico de Rio Preto, presenciaram os funerais de D. Maura e condoídos colocaram seu nome para as mentalizações (preces) do Círculo Esotérico. O Senhor Farid Mussi disse ao Romeu Grisi que quando passou o enterro de D. Maura, comentou com o seu colega Antônio Marino: "aí vai a mulher do padeiro, sem a bênção da Igreja, pois é suicida. Vamos orar por ela".

É importante lembrar, como vemos no relato de Maura Javarini, corroborando, aliás, as palavras de WILLIAM JOSÉ GUAGLIARDI, que as preces apresentam significado muito importante para os Espíritos que sempre se recordam das orações feitas em favor deles. D. Maura, 30 anos depois, ainda se recorda das preces que lhe foram endereçadas pelas almas piedosas de Farid Mussi e Antonio Marino.

4) - Abrigo de Tuberculosos refere-se D. Maura à Liga Rio-pretense de Combate à Tuberculose que na

época da desencarnação dela funcionava nos fundos da Santa Casa de Misericórdia. Observem os leitores que a mensagem se refere às duas entidades, que funcionavam próximas, numa só chácara.

5) - Celinho - Célio Álvaro de Souza Santos Júnior, filho de D. Zilda Nora de Souza Santos, presente à reunião. Celinho faleceu no acidente do Rio Turvo, com apenas 15 anos.

6) - Creche - É a Creche da Sociedade de Proteção aos Necessitados Irmã Estelita, de que participa D. Zilda, mãe do Celinho.



## **HILÁRIO SESTINI**

Filho de Germano Sestini, igualmente co-autor espiritual neste livro e de D. Maria Perini Sestini, **HILÁRIO SESTINI** nasceu em Rio Preto, a 18 de dezembro de 1921, desencarnando na mesma cidade, por infarto do miocárdio, aos 55 anos de idade, na noite de 30 de março de 1976.

Homem de Empresa, Presidente do Rotary Clube de São José do Rio Preto, católico de formação, não era afeito à prática religiosa, conquanto o caráter reto e o devotamento ao trabalho que lhe enobreciam a vida.

Deixou ao falecer, a esposa Clery Barbour Sestini e 4 filhos: Célia Regina Sestini de Barros Cruz, casada com Augusto Penna de Barros Cruz, Neuza Sestini

Assaf, casada com Antonio Carlos Assaf, Mara Sestini e Hilário Sestini Júnior.

Da mensagem que nos trás, pela pena mediúnica de Chico Xavier, e que o leitor verá mais adiante, destacamos, de início, a surpreendente citação da Pharmacia Nossa Senhora do Carmo e da Casa de Saúde Santa Terezinha.

O irmão do comunicante, Gérson Sestini, ao ouvir a leitura da missiva psicografada, já que se encontrava em Uberaba, quando do seu recebimento, chegou a questionar o médium sobre um possível engano de sua parte, pois, não existia em Rio Preto a referida Casa de Saúde. Chegou mesmo a sugerir outros nomes de hospitais rio-pretenses ao Chico, para que um eventual engano fosse esclarecido. Chico insistiu no nome e o Gérson que não conhecia nem a referida Casa de Saúde nem a Pharmacia (com Ph) N. S. do Carmo, nem nunca ouvira falar no nome de seu proprietário, voltou a Rio Preto e pôs-se a investigar.

Detendo-nos nas alegações do próprio Gérson, não foi fácil localizar a Pharmacia; recorreu a moradores desde muito arraigados à residência em Rio Preto e um antigo barbeiro mostrou-lhe um bar, indicando o prédio que tomava o local dantes ocupado pela Pharmacia do França. O próprio proprietário do bar de nada sabia...

A Casa de Saúde Santa Terezinha, então, nem os mais antigos moradores de Rio Preto a conheceram.

Compulsando o álbum da comarca de Rio Preto, Gérson encontrou notícias da Pharmacia Nossa Senhora do Carmo e da Casa de Saúde Santa Therezinha, cujo prédio já foi demolido, desde longo tempo e substituído por nona edificação. De posse desses informes, Gérson Sestini conseguiu comprová-los facilmente.

Também o França da Pharmacia, o Sr. João Baptista França, e os Drs. Marat Descartes Freire e Aguinaldo Pondé, médicos diretores da antiga Casa de Saúde Santa Therezinha foram identificados, entretanto com as dificuldades compreensíveis.

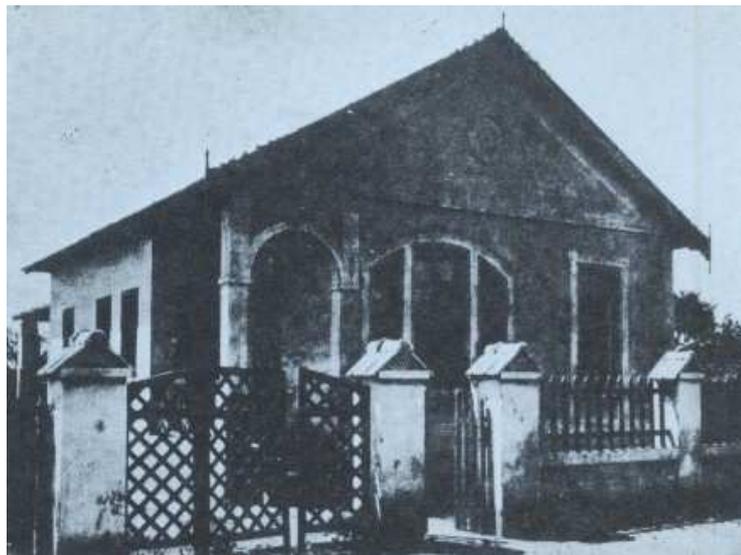
Analisando o comunicado, prendemo-nos a dois fatos, de cesta forma interligados, a Pharmacia Nossa Senhora do Carmo, do Sr. João Baptista França e a Casa de Saúde Santa Therezinha, dirigida pelos Drs. Marat Descartes Freire e Aguinaldo Pondé.

Que o hilário desses fatos se recordasse é compreensível, pois o França e sua Pharmacia, os Drs. Marat e Aguinaldo Pondé e a Casa de Saúde muito lhe falavam ao coração, porquanto com eles convivera em sua infância. Somente a limpidez da transmissão mediúnica nos poderia oferecer uma prova de tão clara evidência, pois nenhum dos presentes, quando da recepção das páginas mediúnicas em Uberaba, sequer conhecia os nomes aludidos e, na verdade, poucas pessoas em Rio Preto deles se lembravam.

O que nos causou estranheza foi a circunstância de Hilário ter voltado no Plano Espiritual para a Casa de Saúde Santa Therezinha que não mais existia em Rio Preto, por ocasião de seu decesso.

Existiria no Além uma reprodução desse estabelecimento? Seria apenas uma impressão de hilário, ao reconhecer, depois de desencarnado, no médico que o socorria, justamente um amigo do Dr. Marat, nome intimamente ligado à Casa de Saúde Santa Therezinha, de suas recordações da meninice? Com essas dúvidas, procuramos Chico Xavier que se manifestou sobre o assunto, informando que os Amigos Espirituais costumam se referir a construções antigas que permanecem na retaguarda de construções atualizadas, até que as entidades ligadas a esses conjuntos habitacionais, os abandonem por não mais necessitarem deles nos vínculos mentais que, de certo modo, os retém a determinadas paisagens do seu próprio pretérito.

Apresentamos a seguir fotos da Casa de saúde Santa Therezinha e da Pharmacia Nossa Senhora do Carmo, retiradas ao álbum da Comarca de Rio Preto antigo, para que o leitor possa sentir com mais propriedade, a significativa informação a que nos reportamos.



**Casa de Saúde Santa Therezinha**



**Dr. Marat Descartes Freire Gameiro  
Medico da Santa Casa de Saúde Santa Therezinha,  
lembrado por Hilário na Mensagem**

PHARMACIA N. S. DO CARMO



**João Baptista França, proprietário  
da Pharmacia Nossa Senhora do Carmo,  
citado na mensagem, por Hilário Sestini**



**Interior da Pharmacia Nossa Senhora do Carmo**

Mensagem de Hilário Sestini enviada a sua mãe D. Maria P. Sestini 109 dias após sua desencarnação. Psicografada por Francisco Candido Xavier na noite de 17-07-76 em Uberaba - M.G.

Querida Mãe, meus queridos Gérson, Hilda, Romeu, Carmelo (1) e tantos amigos bons que me enviam pensamentos de paz.

Estou escrevendo esta carta ainda sob o impacto de 30 de março último (2) não pensava que a ausência do corpo físico surgisse em meu caminho com aquela violência.

Um mal súbito, sensação de asfixia. E, depois, o corre-corre de tanta gente procurando, debalde, uma

solução para o problema que deixara de ser um enigma, a fim de que a resposta da vida aparecesse a mim, acima de qualquer dúvida sobre a morte.

Posso dizer-lhes que não vou assim tão bem como desejaria, mas não me sinto, de qualquer modo, tão mal como no acontecimento imprevisto poderia parecer. Fui arrancado da experiência física, ao modo de árvore sacudida até às raízes pelo vento forte. A tempestade havia de terminar como se desdobrou, ante os meus olhos assombrados. Estava morto e vivo. Ignoro se vocês entenderão isso na realidade fulminativa com que o assunto ainda me surpreende.

Sempre ouvia as referências dos amigos espíritas, escutava avisos e anotações da mamãe e, efetivamente, não categorizava os temas e informações que vocês me apresentavam qual se fossem pura alucinação. Faltava-me o pendor para ser um companheiro militante. Acreditava e não acreditava. E porque o tempo surgisse cada vez mais escasso, ia colocando de quarentena as verdades que me descobriram, quando poderia eu haver tido suficiente ponderação para descortiná-las antes do "clique" em que me vi apagado e reaceso.

Penso que vocês possuem experiência bastante para imaginar com acerto o itinerário novo a que me vi atirado pelas circunstâncias. Creio-me, porém, na obrigação de afirmar-lhes que um sono pesado me selou as pálpebras, que não mais consegui reabrir.

Ouvia as palavras da mamãe e dos familiares outros, mas em vão procurava discernir as vozes da querida Clery e dos nossos filhos. Foi um torpor invencível, como se estivesse repentinamente dopado por agentes de sedação, que me anulavam qualquer impulso para respostas positivas.

Compreendi que uma força se me extinguia no corpo e tive a idéia de que os meus órgãos seriam pilhas elétricas que se vissem desligadas, uma por uma, à frente de um poder que não me cabia controlar. Vocês todos, com mamãe, Clery e os meninos, diante de mim, não me opus ao desmaio que me subjugava com certa doce violência que não sei definir. Mas, no fundo, mamãe, seu filho continua sendo seu filho, e tudo que aprendi em religião me voltou de súbito à memória.

Ah! homem algum, criatura alguma na Terra, que não haja obtido experiências enormes pela meditação ou pela dor, conseguirá calcular o que seja essa energia prodigiosa da fé viva, atuando no coração, em momentos assim, quando nos vimos em transito de uma vida para outra!

Senti-me novamente menino e lembrei minha mãe colocando-me as mãos postas em prece. Foi, assim, na condição de homem devolvido à condição de criança, que entrei na Vida Espiritual.

A esposa e os filhos queridos, inclusive os netos, flores de nosso grupo, os nossos queridos Andréa e

Leandro (3) estavam comigo no pensamento. não perdera as dimensões do esposo, do pai e do avô em que sempre me honrei de viver para a família, mas o desconhecido era o mistério que só você, mamãe, havia conseguido colocarem meu coração por matéria de fé. Por isso, orei outra vez, como nunca. As lágrimas me lavavam a face quando despertei na vida nova.

O homem teria ficado na Terra?

Não, porque nossa Clery e os filhos me comandavam as preocupações; entretanto, a infância em São José voltava à minha alma.

Era o alvorecer de um novo dia. Rio Preto dos meus primeiros dias, da década de 20, formava uma paisagem que reencontrava, rediviva e palpitante, no sentimento.

Um amigo, que conhecia do tempo de garoto, o França da Pharmacia nossa Senhora do Carmo, em tempos transcorridos, me abraçou, enquanto meu avô Sestini (4) me amparava.

Acusava-me perplexo, doente. Receava fazer perguntas. Guardava o medo de readquirir a dor que me abatera, qual se fosse um calhau pontiagudo, no peito, e os amigos me conduziram para a Casa de Saúde Santa Therezinha que reassumia a forma pela qual a conhecera na infância.

Um leito alvo e um médico, que me disse ser companheiro de nosso estimado Dr. Marat Descartes

Freire Lameiro, me cirurgiou o tórax. Estive alguns dias acamado.

Descrever as visitas e as pessoas que reencontrei é tarefa impraticável para mim, por enquanto. Dois médicos me declararam estar na posição de auxiliares dos nossos amigos Dr. Fritz Jacobs (5) e Dr. Aguinaldo Pondé, e ainda me pergunto quem são.

O tempo, aqui, é repleto de trabalho para todos os que procuram o bem e a conversa desnecessária é automaticamente banida de qualquer entendimento.

Devo explicar que nossa irmã D. Elvira Grisi (6) e o nosso prezado Lidai (7) são pessoas a quem fico devendo inolvidáveis atenções. O padre Joaquim Manoel Gonçalves, o nosso amigo Spinola Castro (8) muito me ampararam. Companheiros da vida rotária me fazem ver a fraternidade em novos campos e dimensões e vou aprendendo e reaprendendo.

Romeu e Hilda, quando possível, peçam à nossa Clery para continuar valorosa. Nossos filhos são nossos tesouros; o Júnior, a Célia Regina, a Neusa e a nossa Mara. Com os corações devotados, que nos constituem a família, são bênçãos de Deus em nossos caminhos. Confiemos na Providência Divina e marchemos para diante. O que não pude fazer nas realidades do espírito, a que vocês carinhosamente, sempre me chamavam, se erguerá para mim, agora, por serviço de urgência. A Bondade de Deus é fonte

inesgotável e estou acumulando novas reservas de fé viva em nosso futuro.

Mamãe, atenda à saúde e fique serena, naquela calma que sua dedicação sempre nos transmitiu. Compreende o seu carinho que presentemente estaremos mais juntos. Muito teria a dizer, mas resumo os pensamentos em meu pai Germano e em você. Mãe querida, para que o padecimento se me faça alicerce das novas construções a que me entregarei de animo firme, espero que as minhas notícias não despertem lágrimas.

Comunico-me na forma de viajor que está vivendo o inesperado. Não entendo o meu novo clima com muita segurança, mas sei, com raciocínios lógicos, que estou vivo, e isso, agora, é tudo para mim. A morte é uma sombra, espécie de barreira que a verdade com Jesus nos ensinará a derribar, pouco a pouco.

Gérson, muito obrigado pelo auxílio das preces. Irmão, você escolheu a "boa parte". Aproveite, trabalhe tanto quanto puderem seu nobre ideal.

Romeu e Hilda, façam o mesmo. Carmelo, não descanse a pretexto de cansaço físico. Prossiga servindo à grande causa que vocês esposaram antes que minha cabeça conseguisse escutá-la.

Mamãe, seu filho agradece. Suas orações, nestas horas de minha existência renovada, foram luzes, tanto quanto foram luzes aquelas outras quando você me ensinava o "Pai Nosso", palavra por palavra. (9)

Boa noite. É o que lhes desejo, ao mesmo tempo que lhes rogo a todos aceitarem meus votos de saúde e paz, com muitas felicidades, todos os dias.

Mãe querida, abençoe-me e continue pedindo auxílio de Deus para o seu filho, sempre reconhecido.

### **A mensagem de Hilário Sestini, três meses e meio após sua morte.**

Sobre o França, sua Pharmacia, da Casa de Saúde Santa Therezinha e referência aos Drs. Marat e Aguinaldo Pondé, já falamos anteriormente.

Vejam os outros itens dignos de análise na bela manifestação Hilário.

1) - Gérson, Hilda, Romeu, Carmelo - Gérson Sestini, irmão de Hilário; Hilda Sestini Grisi, irmã do comunicante e esposa de Romeu Grisi; Carmelo Grisi, pai de Romeu Grisi.

2) - 30 de março - data do falecimento de Hilário.

3) - Andréa e Leandro - netos, filhos respectivamente de Neuza Sestini Assaf e de Célia Regina Sestini de Barros Cruz.

4) - Avô Sestini - avô paterno.

5) - Dr. Fritz Jacobs - médico alemão, clinicou durante muitos anos em Rio Preto.

6) - Elvira Grisi - abnegada batalhadora do Espiritismo na região de Rio Preto. Mãe de Romeu Grisi, desencarnada em 1952.

7) - Lidai é co-autor espiritual neste livro.

8) - P. Joaquim Manoel Gonçalves e o amigo Spinola Castro - O Padre era amigo da família, tendo desencarnado em 1944 na cidade de Rio Preto. Dá seu nome ao Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves daquela cidade. José Spinola Castro era figura proeminente nos meios sociais rio-pretenses.

9) - D. Maria, mãe de hilário, confirma que sempre ensinou os filhos a orar, dentro da fé católica, daí a observação de hilário merecer destaque, pois apesar de católico, hilário não era muito afeito às orações. No Além, contudo, lembrou-se das preces que fazia quando criança, junto ao coração materno.

Há ainda alguma coisa mais a dizer-se. Os leitores, que conhecem a sistemática das tarefas de Chico Xavier em Uberaba, sabem que após a psicografia, com o encerramento da reunião, Chico lê a mensagem recebida em voz alta e depois a entrega ao destinatário.

Ao entregar, porém, a mensagem a D. Maria, genitora de hilário, disse-lhe o médium que estavam presentes, também em espírito, três personalidades de Rio Preto, o Dr. Álvaro Rea, o Sr. Nagib Gabriel e o Sr. Inácio Diniz.

Os familiares de hilário, e em particular, Gérson Sestini, conseguiram identificar o Dr. Álvaro Rea, médico e cônsul da Itália em Rio Preto, o Senhor Nagib Gabriel, comerciante na cidade, mas ainda carece de identificação o Sr. Inácio Diniz.





### **DOUTOR ORLANDO VAN ERVEN FILHO**

Casado com D. Maria de Lourdes Basílio Van Erven, pai do médico psiquiatra Marco Aurélio Van Erven, o Doutor Orlando Van Erven, médico diplomado no Rio de Janeiro, nasceu na cidade de Cordeiro, Estado do Rio, no dia 28 de junho de 1910 e faleceu em São José do Rio Preto, a 18 de abril de 1976.

Radicado em Votuporanga desde 1941, dedicou-se integralmente ao socorro do próximo, salientando-se na condição de grande missionário de Jesus, a serviço da Medicina.

Participou de inúmeras atividades beneficentes, sendo figura obrigatória nos eventos assistenciais de Votuporanga e Rio Preto.

Médico Psiquiatra, em 1958 mudou-se para São José do Rio Preto onde residiu até a desencarnação, tendo sido, desde 1959, Diretor Clínico do Hospital Psiquiátrico Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, hospital espírita de cunho eminentemente filantrópico.

Certamente pelo seu espírito elevado, pela sólida cultura que o caracterizava, foi possível ao Doutor Orlando, 6 meses após a morte, regressar até nós com a bela mensagem que particularmente lhe destaca o espírito evangelizado e a firmeza de caráter com que abraça as suas responsabilidades espirituais.

Diz o Doutor Orlando à sua esposa querida, que "logo a veja mais tranqüila, pretende consagrar-se aos irmãos doentes do campo mental"; em clara demonstração de que após tão curta permanência no Plano Espiritual, já se assenhoreou dos compromissos que lhe dizem respeito, reconhecendo a necessidade de continuar o trabalho em favor do próximo.

A propósito do Doutor Orlando, sua vida e obra, lembra-nos o inconfundível Victor Hugo: em sua existência, o nobre médico de Rio Preto "colheu algumas rosas na Terra, mas todas as estrelas no Céu".

Mensagens do doutor Orlando recebida por Francisco Candido Xavier, na noite de 02.10.76, em Uberaba - Minas Gerais.

Querida Lourdes. Deus nos abençoe. Estou presente.

Creio que você adivinhava isto. Entretanto, não é fácil magnetizar o lápis com a emoção que me assalta.

Não suponha viesse até aqui na condição em que me vejo. Espírito corporificado de outro modo. O mesmo homem com aparências a que me ajuto devagar. Não que haja perdido a imagem do habitual. É o estudo de mim próprio. É o senso crítico a penetrar-me para saber com segurança o que sou, com mais propriedade, agora que laboratórios e pesquisas são claramente outros.

Ainda assim, deixo de lado tudo o que me surpreende por hora para dizer a você que o amor e a gratidão do companheiro não experimentaram qualquer mudança.

Vejo-a no lado físico, acompanhada por amigos queridos nossos: o Romeu e Hilda, a nossa Olga, o Carmelo, o Alceu, o Jaime (1) tanta gente boa e aqui do meu lado espiritual, tenho comigo o Hilário, a Irmã Elvira, o Lidaí, o Monsenhor Gonçalves, tantos outros companheiros de Rio Preto e Votuporanga a cercarem-me de atenções, mas, no íntimo, você e o nosso Marco

Aurélio são meus temas centrais de saudade e carinho, conquanto os laços de amizade que me reúnem a todos os companheiros.

Não fosse a falta que se registra e a mudança compulsória dos hábitos e diria a você que vou muito bem; contudo, de abril para cá, as surpresas foram muitas. E os engramas na memória são telas vivas que se misturam, obrigando-me a pensar lentamente, a fim de identificar-me e dominar as idéias.

Lembrar-se-á você de que, várias vezes, conversamos, quase a medo, sobre os assuntos da morte. Sabia de minha parte que as coronárias caminhavam para transformações inevitáveis e a circulação para o médico tem o seu alfabeto infalível. Compreendia, e, creia minha querida, que esperava orando. Não sentia vontade alguma de deixá-la assim tão cedo para nós, apesar dos meus 66 janeiros laboriosamente vividos.

Entretanto, parece-me que a lista de chamados funciona igualmente aqui com a força das conscrições militares. O comando da morte é irresistível.

Quando assinalei a dor característica, entendi o que me aguardava em momentos rápidos, mas uma sensação de sono me invadia totalmente. Dormi ao modo da criatura anestesiada para cirurgia de alto curso e tão-somente acordei com amigos do "Bezerra de Menezes" (2) que me amparavam.

Em criança, muitas vezes, recebi preces de uma senhora, irmã dos espíritas de então, dona Hortência Gripp, amiga de nossa família em Recanto de Nova Friburgo, e com lágrimas de agradecimento recebi dela e do nosso caro Doutor Bezerra de Menezes os primeiros cuidados. Entretanto, aos poucos, Monsenhor Gonçalves ao lado dos amigos espíritas, me trazia antigos companheiros de Rio Preto, que sinceramente eu não conhecia. Recebi gentilezas de amigos médicos, do Dr. Justino de Carvalho, do Dr. Taufik Rahd e do Dr. José Mendes Pereira (3) que não saberia, de modo algum, retribuir.

Amigos que nos seguiam de perto, no hospital e no "Grupo do Consolador" (4) os irmãos Ezequiel e Lindolfo Guimarães Correa (5) se aliavam a Sacerdotes amigos, Antonio Purita e José Rocha, (6) para me auxiliarem e vou compreendendo, agora, como nunca, que somos uma só família, buscando a união com Deus.

Tenho escutado seus pedidos de reconforto e acompanhado as suas lágrimas. Sei quanto dói em você a nossa separação, mas peço-lhe coragem. Você, querida, sempre foi meu sustentáculo e minha inspiração. Preciso ainda de você, de seus pensamentos, de seu clima de paz e das suas atitudes que sempre me ensinaram despreendimento do egoísmo e valorização do bem.

Trate-se. Peça ao nosso Marco nos auxilie nesse sentido.

O corpo é um patrimônio de Deus ao nosso dispor. À medida que nos asserenar-mos, estaremos mais juntos. E você sabe que a minha calma reflete a sua. Não desejo e nem posso interferir em suas decisões, mas, quanto possível, conserve a sua independência, para ser útil aos familiares. Não rogo a você que se incline para esse ou aquele sistema de fé, no entanto, quero afirmar-lhe que sou feliz com a base dos conhecimentos que o Senhor me permitiu sedimentar.

Logo a veja mais tranqüila, pretendo consagrar-me aos irmãos doentes no campo mental. A Psiquiatria onde estou não atua sem religião ou sem Deus. E os que procedem diariamente da Terra, alucinados e infelizes, são em número incalculável.

Ajude-me a melhorar da saude para que eu possa começar a servir, porquanto desejo servir mais e melhor. Sinto-me à frente de um vasto mundo de necessidades e alegrias, de oportunidades e bênçãos.

Ainda assim, me reconheço algo preso ao seu carinho e ao carinho do filho inesquecível, com as lembranças dos amigos a me permearem as novas impressões. Realmente, não posso ser livre, porque o amor que nos reúne é um laço invisível, tecido pela Bondade de Deus, mas em me equilibrando nas emoções, conseguirei ser mais útil.

Nosso amigo Schamall (7) está presente. Ele espera que a nossa Olga seja mobilizada nas tarefas mediúnicas, nem sempre fáceis de aceitar.

Nosso Hilário beija as mãos de nossa estimada irmã D. Maria Sestini e os quadros afetivos em que me vejo nos falam da imortalidade com uma eloquência que não posso definir.

Querida, minha querida, perdoe ao velho companheiro, se numa carta assim tão longa não consegui trazer a você nem mesmo uma partícula do imenso amor que você possui por dentro de minha alma.

Creio hoje que o amor no espírito é semelhante ao coração no corpo. Vibram incessantemente os dois sem que sejam examinados ao vivo.

Minhas lembranças aos companheiros que a trouxeram com tanta bondade para que você me sentisse as letras no lápis, ainda inseguras, porque não alcancei ainda a minha estabilidade total.

Peço a Deus abençoe o filho querido e entrego em suas mãos o coração dedicado e fiel do esposo, sempre seu.

Orlando

**Estudo da mensagem do Doutor Orlando Van Erven Filho, recebida 6 meses após sua morte.**

Além dos nomes de familiares e de outros amigos já identificados nas demais páginas deste livro, salientamos pela ordem de aparecimento no texto:

1) - Olga, Alceu e Jaime - Olga Faria Basílio Schamall, cunhada do Doutor Orlando, atualmente residente em Santos - SP. Carmelo Grisi, Alceu Sestini e Jaime Peres, amigos de Rio Preto.

2) - Bezerra de Menezes Hospital Psiquiátrico de que o Doutor Orlando foi Diretor Clínico nos últimos tempos, em São José do Rio Preto.

3) - Monsenhor Gonçalves, Justino de Carvalho, 7àufik Rahd e José Mendes Pereira (ver as mensagens de Hilário Sestini e Germano Sestini).

4) - Grupo do Consolador - Grupo Espírita de Rio Preto, a que o Doutor Orlando era ligado.

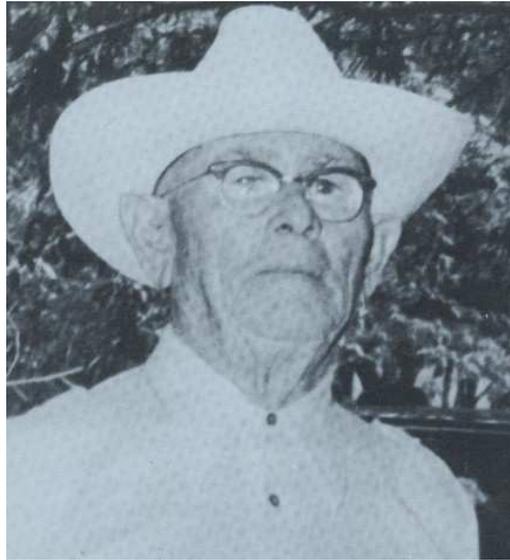
5) - Ezequiel e Lindolfo Guimarães Correa - Juízes de Paz em Rio Preto, no início do século.

6) - Antonio Purita e José Rocha - sacerdotes que viveram em Rio Preto.

7) - Schamall - cunhado do Doutor Orlando, Gunther Schamall, era antigo morador de Votuporanga -SP. Desencarnou em 1979, na cidade de Santos.

Além de alguns nomes desconhecidos do médium e também dos familiares e amigos do Doutor Orlando, quando do recebimento da mensagem, como os irmãos Ezequiel e Lindolfo Guimarães Correa e os sacerdotes Antonio Purita e José Rocha, cuja identificação

posterior não foi fácil, a atestar ainda uma vez a autenticidade mediúnica, destacamos uma expressão utilizada pelo Doutor Orlando no início da mensagem e que fica bem ao gosto dos psiquiatras. Trata-se do vocábulo "engramas" que a Psiquiatria conceitua com o traçado duradouro deixado na mente por uma experiência emotiva. Assim, entendemos que as vivências afetivas permanecem indelevelmente gravadas em nosso campo mental, quais teias que guardamos no escrínio das melhores recordações e que desarquivamos sempre que as circunstâncias nos reavivem as lembranças ali depositadas.



### **GERMANO SESTINI**

GERMANO SESTINI nasceu em Cravinhos, no dia 25 de janeiro de 1895 e faleceu a 6 de abril de 1978, na Fazenda Pântano, município de Frutal - Estado de Minas Gerais.

Não era espírita.

Católico de formação.

Homem de altas virtudes.

Nas expressões de Germano Sestini, registramos a evidência de que todas as religiões conduzem a Deus.

Homem notável, com seus 83 anos bem vividos, ainda trabalhava. Desencarnou subitamente, quando se achava em serviço.

Na carta psicografada por Chico Xavier, Germano Sestini após saudar a esposa querida e os filhos que aliás nomeia pela ordem cronológica, do mais idoso ao

mais jovem, não se esquecendo de nenhum de seus 7 filhos encarnados, rememora a maneira pela qual partiu para o Plano Espiritual "sem dores, sem aflições"; acordando nos braços ele sua mãe Santa.

Vejam as expressões do comunicante:

### Mensagem recebida por Francisco Candido Xavier, Em Uberaba - Minas Gerais na noite de 13.05.78

Querida Mariquinha, querida Hilda, caro amigo Romeu, meu prezado amigo Carmelo e queridas irmãs de nossas almas, peço a bênção de Deus para nós todos.

Sei que não estou preparado para escrever, mas nosso Hilário animou-me a fazer isso colocando as mãos sobre as minhas. Ainda não estou muito seguro de mim mesmo, no entanto, sou trazido até aqui para tranqüilizar quanto seja possível, a companheira do coração, dizendo à nossa Mariquinha que estou bem, não tão bem como desejaria, mas tão bem como posso estar. Não é fácil desvincular o espírito que habitou um corpo terrestre por mais de oitenta anos. Quero dizer-lhes, porém, que as nossas idéias da doutrina com Jesus estão certas. Quero dizer a todos os meus filhos, à Marcha, ao João, à Hilda, ao Alceu, ao

Germano, ao Gérson e Maristela que o papai não está morto. (1) Compreendi tudo que se passava...

Quando me encontrei no carro com a nossa Mariquinha, (2) um sono estranho me abateu. Era como se eu estivesse sob o efeito de um narcótico poderoso. Queria acordar, mas não tinha forças. Senti a inquietação da querida companheira a querer despertar-me e a aflição do nosso amigo motorista, mas parecia-me trazer uma barra de ferro sobre a cabeça. Sem dores, sem aflições. Dormi contra meu gosto e quando regressei a mim, vi-me qual uma criança nos braços de minha mãe Santa (3) que foi sempre minha santa mãe. Meu espanto foi enorme. Parecia que estava retornando aos tempos de menino... Na mente, apareceu a paisagem de Cravinhos e torneia ver meu pai João e minha mãe, acariciando-me e ensinando-me a rezar. não sei ainda se enxerguei mesmo ou se estavam em meu pensamento às imagens dos amigos, Professor João nogueira e do Alves Guimarães. Vi-me perto do Scalabrini e tornei a me reencontrar em oração com minha mãe, na capela de São José do Bonfim. Depois, as impressões se emaranharam... Comecei a reconhecer minha mãe e o meu filho Hilário a me falarem com brandura que a vida havia mudado para mim...

Sempre escutava em vocês, meus queridos filhos, Romeu e Hilda, em Mariquinha e em outros amigos, as referências à morte e ao depois da morte. Uma

conversação construtiva é sempre uma aula proveitosa. num relâmpago de pensamento, compreendi que o corpo cansado me largara, mas ah! eu não me desfizera dele. Sentia-o comigo qual se estivesse na fazenda ou na cidade...

Minha mãe, porém, cantou preces com que me embalava em criança e comecei a chorar, ignorando se morreria mesmo ou se estava doente! Recordei a Chácara Bela Vista, a bela Fazenda Felicidade, e quis ser moço outra vez! Queria recomeçar, carpindo a terra e depois caminhar pouco a pouco... Mariquinha, revivendo tudo... A nossa felicidade... O nascimento dos filhos: Hilário, Martha, João, Hilda, Alceu, Germano, Gérson, Maristela... Os dias difíceis, o duro trabalho para melhorar... Meu Deus, tudo passara tão depressa como se a existência de mais de oitenta anos não passasse de oito... hilário me pediu calma. Disse-me que eu sempre desejara não dar trabalho à família, voltar, de repente, sem demoras e sem sobressaltos para ninguém... E que havia desejado isso com tamanha fé que Jesus me concedera a bênção de sair da Terra sem maiores incômodos para os meus filhos e familiares, nos braços das duas mães que eu tive: Você, minha querida Mariquinha e minha mãe Santa, como se dormisse entre dois anjos da guarda... Quando acomodei meus pensamentos agitados é que compreendi, com as informações de hilário e de alguns amigos, que me achava em repouso na Santa Casa de Misericórdia,

sobre a qual, há muitos anos, havia conversado muitas vezes com o Dr. Cenobelino (4) e com o Dr. Mendes Pereira. (5) Reconheci velhos companheiros... Estariam vivos-mortos como eu ou se sentiam na condição de mortos-vivos em que deveria me reconhecer?... Não pude conversar muito, pois era recomendado o repouso, a cada instante em meu benefício. Vi amigos que me abraçaram de antigos tempos dos primeiros automóveis em São José do Rio Preto. Seriam o Jerônimo de Oliveira (6) e o João Garcia (7) que me consolavam, os amigos que se pareciam com eles e que ainda não pude identificar? Mas reconheci o Kalil Buchala (8) e abracei-o como se estivéssemos em carne e osso.

Tantas evocações me chegavam de improviso, mas o cérebro estava mais fraco do que hoje em que escrevo com o apoio de meu filho, após 37 dias de separação. Não sei se a conta está certa, mas isso é natural. Dizem-me aqui que nos retomamos na memória total, muito pouco a pouco. Monsenhor Gonçalves (9) me auxilia muito e D. Avelina Diniz (10) já me visitou, oferecendo-me preces que me reconfortaram muito.

Quero dizer ao Carmelo que D. Elvira me amparou como se eu também lhe fosse um filho do coração. As orações de todos vocês me ajudaram e me ajudam muito. O Dr. Taufik (11) nem me tratando. A morte é um acontecimento da natureza, mas não transforma a

pessoa de um momento para outro. Venho até aqui com vocês, assistido por amigos, à maneira de um enfermo em ambulância. Não tenho novidades para contar, senão que a transição muito rápida, quanto a que pedia a Deus, pelo menos a mim, obriga a ficarem tratamento minucioso para a restauração precisa. Não desejo citar muitos nomes, porque para lembrar somente os dos queridos filhos, fiz muito esforço, mas genros, noras, netos e bisnetos estão em meu coração. Estou começando Vida nova e espero restabelecer-me para ser útil a todos como eu puder e Deus permitir.

Mariquinha, amigos outros de que me lembro, são eles auxiliares dos nossos amigos médicos, Dr. Esperidião de Queiroz e Dr. Justino de Carvalho, (12) nomes sobre os quais eles me falam e muito respeitam.

Peço a você, e a todos os meus filhos, começando por Hilda e Romeu, que estão presentes, continuarem me auxiliando com as preces. A prece é sempre uma bênção sobre nós, seja qual seja o lugar em que é feita com sinceridade e amor. E se posso pedir aos meus filhos algum favor, e a você, minha Velha companheira, esposa e mãe, se lhes posso pedir alguma coisa, repito, lembrem-se do amor ao próximo. Façam o bem aos outros como puderem, dentro da consciência tranqüila.

Enquanto estamos na Terra, o que fazemos é material que despachamos para cá, na Terra Diferente em que me vejo, para construir a habitação em que

vamos nos realizarem espírito. Recordem que o edifício que sonhei levantar e que Deus me permitiu materializar vem a ser agora um recomeço da Vida, iniciando do chão.

Fazer o bem, e pensar no bem, auxiliar a todos quanto pudermos e esquecer qualquer antagonismo são receitas de paz que estou aprendendo a conheceis com mais segurança.

Mariquinha, e meus queridos filhos e amigos, vou terminar... Ainda estou com muito pouco preparo a fim de transmitir qualquer idéia. Com minha mãe e com meu filho Hilário deixo-lhes todo o meu coração de esposo, pai, companheiro e amigo.

Germano Sestini

### **Estudo da mensagem de Germano Sestini, recebida 37 dias após seu falecimento.**

Podemos avaliar a indescritível emoção que envolveu o comunicante ao rever tudo o que lhe era caro, vinculado à infância recuada: a genitora, o pai, a terra natal e os amigos da meninice, João Nogueira, Alues Guimarães e Scalabrini.

As reminiscências de Cravinhos documentam de modo positivo às realidades da sobrevivência. Senão vejamos: GERMANO SESTINI deixou a cidade em 1918, indo morarem Rio Preto. Os nomes citados há muito desapareceram da lembrança das gentes de

Cravinhos, pois são ligados à própria formação da cidade, no princípio do século.

João Nogueira, ou João Evangelista Nogueira, tem seu nome inscrito no Grupo Escolar da cidade e também dá nome à linda praça em Cravinhos. Faleceu em 1915.

João Alves Guimarães Júnior foi, juntamente com João Nogueira, fundador do Município de Cravinhos e João Scalabrini era grande amigo de Germano Sestini; possuía um armazém de secos e molhados, tendo desencarnado há muito tempo; aliás não conseguimos precisar a data da desencarnação.

A capela de São José do Bonfim ainda existe, na Praça Anita Garibaldi, antigo Largo da Matriz Velha e desde 1904 foi substituída pela Igreja Matriz para os ofícios religiosos.

Interessante notar que Germano se refere à Chácara Bela Vista de seus dias de juventude em Cravinhos e à Fazenda Felicidade que lhe foi marco inicial na vida em São José do Rio Preto.

Além dos fatos esclarecidos, salientamos as notas seguintes:

- 1) - Filhos, citados em ordem cronológica:
  - Martha Sestini dos Santos
  - João Durvalino Sestini
  - Hilda Sestini Grisi
  - Alceu Sestini
  - Germano Sestini Filho

- Gérson Sestini
- Maristela Sestini

Mais adiante, na mensagem, Germano Sestini repete a citação, incluindo o primogênito, Hilário Sestini, já desencarnado.

2) - Sua esposa, D. Maria Perini Sestini.

3) - Santa - sua genitora. Santa Botan Sestini.

4) - Dr. Cenobelino - Cenobelino de Barros Serra, médico atuante na Santa Casa de Misericórdia de Rio Preto. Faleceu a 14 de novembro de 1953, aos 63 anos.

5) - Dr. Mendes Pereira - José Mendes Pereira, médico, também muito ligado à Santa Casa. Desencarnou na capital Paulista, aos 78 anos, no dia 7 de janeiro de 1969.

6) - Jerônimo de Oliveira, amigo de Germano, motorista de praça há muito tempo desencarnado.

7) - João Garcia, amigo, cuja identificação ainda carece de elementos.

8) - Kalil Buchala - comerciante em Rio Preto, já desencarnado.

9) - Monsenhor Gonçalves - Joaquim Manoel Gonçalves, Vigário Geral da Paróquia de Rio Preto. Deixou o Plano Físico em 1944.

10) - Avelina Diniz - Avelina de Seixas Gonçalves Diniz, benemérita dama da sociedade rio-pretense. Faleceu em 1967.

11) - Dr. Taufik - Taufik Rahd - médico libanês, farmacêutico conceituado em Rio Preto. Faleceu em 1950.

12) - Esperidião de Queiroz e Justino de Carvalho já falecidos - Esperidião de Queiroz Lima foi médico em Rio Preto na década de 1920. O Dr. Justino de Carvalho foi médico e Vice Cônsul de Portugal em Rio Preto.

Podemos observar na mensagem, além da lembrança de familiares queridos, encarnados e desencarnados, a homenagem a Cravinhos, sua terra natal, com apontamentos que já comentamos e a reverência a Rio Preto, sobretudo ao Rio Preto de sua mocidade e das suas primeiras iniciativas comerciais. Muitos nomes são alinhados, todos desconhecidos do médium, que igualmente ignorava o nome dos filhos do comunicante e muito menos a ordem cronológica do nascimento de cada um.

*fim*